

---

# I Encontro Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Neoplatonismo



---

**Caderno de Resumos**



**GT/Neoplatonismo/  
ANPOF**

# **CADERNO DE RESUMOS**

**I Encontro Nacional de Pesquisade Pós -  
Graduação em Neoplatonismo**

**01, 02 e 03 de dezembro de 2020**

# **I Encontro Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Neoplatonismo**

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

**Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra (UFS)**  
**Profa. Dra. Loraine Oliveira (UFPE)**  
**Prof. Dr. José Carlos Baracat Júnior (UFRGS)**  
**Prof. Dr. Oscar Federico Bauchwitz (UFRN)**

## **COORDENAÇÃO**

**Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra (UFS/CNPq)**

I Encontro Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Neoplatonismo  
Caderno de Resumos [Recurso eletrônico]/Gt/Neoplatonismo/ANPOF/2020  
Disponível em: <https://i-enppn.cms.webnode.com/caderno-de-resumos/#>

ISBN - 978-65-00-12752-2

1. Caderno de Resumo-evento 2. Neoplatonismo-evento

# Sumário

Apresentação.....	05
Programação.....	06
Resumos.....	09
1. Metafísica na Abstinência de Porfírio Andre Kviatkovski.....	10
.	
2. A jornada da alma de Fausto Lenice Alves Soares.....	11
3. A questão da εὐδαιμονία na Primeira Enéada de Plotino  Ray Renan Silva Santos.....	12
4. Notas Sobre o conceito de matéria e mal em Plotino Robert Brenner Barreto da Silva.....	13
5. A ascese em Orígenes de Alexandria: no limiar da purificação e da perfeição. Rodiny S. Berçot Junior.....	14
6. Sobre as causas e o conhecimento na filosofia procleana. Suelen Pereira da Cunha.....	15
7. Unidade e “outridade”: a especificidade da ética de Plotino a partir de uma compreensão da unimultiplicidade da alma Tadeu Júnior de Lima Nascimento.....	16
8. A História Filosófica de Damásio e o problema do paganismo tardio. Tomaz De Tassis.....	17
9. Considerações sobre a assimilação da etimologia eriugeniana do nome divino “Deus” (Theos) no opúsculo A procura de Deus de Nicolau de Cusa. William Davidans Sversutti.....	18
Créditos.....	19
Informações sobre o GT.....	20

# APRESENTAÇÃO

O I Encontro Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Neoplatonismo é uma iniciativa do GT de Neoplatonismo da ANPOF em conjunto com a Sociedade Ibero-Americana de Estudos Neoplatônicos (SIAEN). O objetivo geral consiste em promover o debate em torno dos projetos de pesquisas que estão em curso no âmbito da Pós-Graduação no Brasil. A possibilidade de que os discentes possam, ainda em fase de construção, apresentar seus trabalhos em público, inclusive com a interlocução de professores especialistas nos estudos neoplatônicos, é algo que, seguramente, enriquecerá a experiência acadêmica de todos. Como pretensão, espera-se que essa primeira versão possa abrir caminho para um evento anual que venha a fortalecer a pesquisa no campo do Neoplatonismo. O evento será realizado pelo Canal do GT de Neoplatonismo/YouTube.

# Programação

**01 de dezembro/2020**

**Abertura - 14h - Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra (UFS)**

**Coordenador do GT/Neoplatonismo/ANPOF**

## **14h30 –Mesa 1**

14h30- Metafísica na Abstinência de Porfírio

Andre Kviatkovski

15h - A História Filosófica de Damascio e o problema do paganismo tardio.

Tomaz De Tassis

15h30 - Notas Sobre o conceito de matéria e mal em Plotino

Robert Brenner Barreto da Silva

Coordenação: Prof. Dr. José Carlos Baracat Júnior (UFRGS)

16h - Debate

16h30 - Encerramento

# Programação

**02 de dezembro/2020**

## Mesa 2

14h - Unidade e “outridade”: a especificidade da ética de Plotino a partir de uma compreensão da unimultiplicidade da alma.  
Tadeu Júnior de Lima Nascimento

14h30- Sobre as causas e o conhecimento na filosofia procleana.  
Suelen Pereira da Cunha

15h - A questão da εὐδαιμονία na Primeira Enéada de Plotino  
Ray Renan Silva Santos

15h30 – Debate

16h - Encerramento

Coordenação: Prof. Dr. Marcus Reis (UFF)



# Programação

## Mesa 3

14h - A ascese em Orígenes de Alexandria: no limiar da purificação e da perfeição.

Rodiny S. Berçot Junior

14h30- Considerações sobre a assimilação da etimologia eriugeniana do nome divino “Deus” (Theos) no opúsculo A procura de Deus de Nicolau de Cusa.

William Davidans Sversutti

Coordenação: Prof. Dr. Pedro Calixto (UFJF)

15h – A jornada da alma de Fausto

Lenice Alves Soares

15h30 – Debate

16h - Encerramento



# **I Encontro Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Neoplatonismo**

## **Resumos**

**Metafísica na Abstinência de Porfírio**

Andre Kviatkovski

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIFESP.

Orientador: Prof. Dr. Mauricio Pagotto Marsola.

**Resumo:** No texto *La métaphysique du porphyre*, Pierre Hadot não considera possível apontar a presença de uma metafísica no neoplatônico nos mesmos termos da notoriamente estabelecida por Aristóteles. Ela deve seguir a mesma compreensão presente no traço que une o neoplatonismo: do sistema hipostático herdeiro de Plotino, se constituindo como algo mais próximo a uma teologia advinda da segunda navegação platônica que de uma *philosophia prima* propriamente. Entretanto, Hadot está observando as *Sententiae* de Porfírio, sua principal obra metafísica. Por sua vez, a *Abstinência* tem como objetivo declarado convencer seu colega neoplatônico a retornar a dieta vegetariana. À primeira vista, parece ser uma obra que se distancia dos temas suprassensíveis, se aproximando ou de uma obra ética, no que tange sua dimensão dietética, juntamente a seus exercícios espirituais, ou mesmo de uma obra de natureza política, se pensarmos que há uma discussão a respeito da justiça no terceiro livro, mesmo que ela se mova no interior da compreensão estoica sobre a referida virtude. Enquanto retórico, Porfírio mobiliza argumentos das mais variadas naturezas para tentar convencer seu colega. É no âmago deste caldeirão discursivo que a presente proposta tem como intuito apontar precisamente onde situa o elemento metafísico mais densamente ontológico da *Abstinência*. Se trata de ler Porfírio em seus termos, em vez de buscar resgatá-lo como expressão de certa vanguarda dos direitos dos animais, e, menos ainda, como um expoente de um tipo de resiliência similar ao Zen Budismo contemporâneo de introspecção psicológica. Se trata de observar como a dieta se insere no interior de um conjunto de exercício que descende dos pitagóricos, passando pelo *Fédon*, de um afastamento do sensível orientado a se elevar em direção ao Intelecto. Ou seja, a dieta inserida no interior de um *thelos* particularmente neoplatônico, que mais tarde incluirá elementos teúrgicos, como forma de concretizar com certa leitura que observa na obra de Plotino um projeto de elevação hipostática a ser efetivado.

**Palavras-chave:** Porfírio, Abstinência, Neoplatonismo, Exercícios espirituais.



### **A jornada da alma de Fausto**

Lenice Alves Soares

Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Estudos de Literatura: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Orientadora: Profa. Dra. Magali dos Santos Moura

**Resumo:** A obra *Fausto*, de Goethe, não é a primeira a abordar o tema do pacto com o diabo, mas é, sem dúvida, a mais famosa, e aquela que mais exerceu, e ainda exerce, influência na posteridade. Talvez essa influência se deva ao fato de que o protagonista, Fausto, não seja punido pelo seu ato, mas tenha sua ascensão ao céu garantida no final da tragédia. Partiremos das apostas que acontecem no *Fausto* de Goethe, tanto no âmbito metafísico, entre Deus (o Senhor ou o Altíssimo) e o Diabo (Mefistófeles), que se dá no Prólogo no céu, quanto no âmbito físico, entre Fausto e Mefistófeles, que acontece na Parte I da tragédia. O desfecho de ambas as apostas se dá no final da Parte II da supracitada obra, com a ascensão de Fausto. A aposta no plano terreno reflete, assim, a aposta feita anteriormente no plano celestial (HEISE, 2008), e funciona como uma espécie de enigma que move a trama e aciona uma determinada disposição mental para a sua solução (JOLLES, 1976), já que ao longo de toda a obra, até seu desfecho final, as duas apostas permanecem em aberto. O mito de Fausto, considerado um mito do individualismo moderno (WATT, 1997), propõe e reflete questões que movem o ser humano desde sempre, como o bem e o mal, os seus anseios e limites, assim como o destino do próprio homem, questões estas sempre atuais, e sobre as quais a Filosofia, desde a Antiguidade, se debruça, procurando respondê-las. Plotino (205-270), considerado um filósofo neoplatônico, retoma e amplia questões propostas por Platão e Aristóteles na Antiguidade Clássica, e também tenta encontrar respostas a esses questionamentos inerentes ao ser, seja no plano físico ou no metafísico, assim como Goethe o fez em seu *Fausto*. Refletir sobre essas questões, e tentar entender a ascensão de Fausto, tendo como base as ideias do filósofo Plotino, são os objetivos da presente comunicação, que levará em consideração as noções plotinianas do belo, do bem, da alma e do amor, contidas no Tratado das *Enéadas* (PLOTINO, 2007), fazendo analogias com passagens específicas, retiradas das duas partes da obra *Fausto* de Goethe.

**Palavras-Chave:** Goethe, Plotino, Fausto, Literatura, Neoplatonismo.

### **A questão da εὐδαιμονία na Primeira Enéada de Plotino**

Ray Renan Silva Santos

Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Jelson Roberto de Oliveira.

**Resumo:** Este trabalho tem por escopo analisar de que modo se articula a questão da “εὐδαιμονία” na Primeira *Enéada* de Plotino. Tal análise, por sua vez, foca-se sobretudo no tratado 4, no qual o conteúdo em questão vem a ser desdobrado com maior atenção. Como ponto de partida, remetemos a uma relação, constatada ao início do tratado supracitado (I.4.1), entre “o ser feliz” (τὸ εὐδαιμονεῖν) e “o bem viver” (τὸ εὖ ζῆν). A relação aí exposta ocorre em virtude da própria caracterização do que vem a ser a “felicidade”, a qual precisa se identificar com um modo de viver que é filosófico por excelência, visto que se refere ao pensamento que pensa a totalidade de todas as coisas. Diante desta relação entre o ser feliz e o bem viver, convém caracterizar este último em uma identificação com o conhecimento (γνώμη), tal o sentido das palavras de Plotino: “O bem viver não resultará portanto para aqueles que se alegrem, mas para aquele que é capaz de conhecer [γινώσκειν] que o prazer é um bem” (I.4.2). Com esta distinção, Plotino quer chamar a atenção para o elemento constitutivo e característico da felicidade, o qual não se confunde com os prazeres relativos ao corpo, mas se consoma precisamente no exercício do pensamento. Tal exercício do pensamento é o que virá a constituir a inteligência (νοῦς), de modo a permitir ao homem uma vida primordial e, portanto, em uma unidade com o elemento primordial de que ele provém e coparticipa. Aos desdobramentos deste tema propõe-se a presente comunicação.

**Palavras-chave:** Plotino, Neoplatonismo, Eudaimonia, Conhecimento.



### **Notas Sobre o conceito de matéria e mal em Plotino**

Robert Brenner Barreto da Silva

Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFCE).

Orientação do Prof. Dr. José Gabriel Trindade Santos. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

**Resumo:** Plotino articula o conceito de matéria (*hyle*) de modo a suscitar dificuldades de interpretação. No tratado I.8 o filósofo explicita tanto que ela é necessária para a constituição do cosmos sensível, de modo que a natureza corpórea não pode prescindir dela; quanto considera até que a matéria seria idêntica ao mal (*kakón*), sendo *prima facie* designada como o mal em si mesmo (autó *kakón*), na medida em que seria destituída de Forma. A conceituação realizada ora comunica um suposto trato positivo, no sentido de que a matéria possuiria alguma vinculação com a emanção proveniente do Uno, portanto, teria funcionalidade no sistema filosófico; ora literalmente é identificada ao mal, sendo princípio explicativo para tudo o que há de "negativo". Há outras controvérsias que não podem ser objeto dessa empresa, mas que valem ser mencionadas: se a matéria seria engendrada, se deveria ser pensada como relacionada diretamente ao Uno ou a um intermediário metafísico. Ao objetivar somente apresentar parte das dificuldades atinentes à associação entre matéria e mal, bem como apontar possíveis caminhos de análise, o trabalho almeja expor alguns trechos capitais das *Enéadas*, com o intuito de ilustrar o contexto controverso no qual a matéria é tematizada. Tal itinerário se realizará a partir de referenciais teóricos propostos por Opsomer (2007) e Schäfer (2004). Para Opsomer, através da leitura imanente aos textos de Plotino, de fato se deve admitir que o neoplatônico identifique matéria e mal. Contudo, essa posição seria incoerente com o monismo da filosofia de Plotino. Para Schäfer, o "quase consenso" sobre a identificação entre matéria e mal deve ser questionado, tendo em vista, dentre outras razões, o caráter metonímico das afirmações de Plotino e a articulação delas com o todo de sua filosofia. A interpretação com maior respaldo entre os estudos especializados tem sido a de manter a supracitada identificação conceitual, pois, ainda que problemática sobre determinados aspectos, ela expressaria a posição de Plotino. Sem propor o exame desse debate, torna-se oportuno sublinhar as dificuldades interpretativas e aventar a possibilidade de uma compreensão mais matizada da matéria como fator explicativo para o mal. Isto é, se não for consentida a possibilidade de desvincular uma noção da outra, o que pareceria estranho à exposição textual de Plotino, não seria devido reconhecer o caráter não unívoco da relação matéria-mal? O presente trabalho não se propõe a responder essa pergunta, mas a lançar a referida indagação para estudos ulteriores.

**Palavras-chave:** Plotino, *Enéadas*, Matéria, Mal.

**A ascese em Orígenes de Alexandria: no limiar da purificação e da perfeição.**

Rodiny S. Berçot Junior

Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense.

Orientador: Marcus Reis Pinheiro.

**Resumo:** O presente trabalho tenciona deslindar a noção de ascese em Orígenes de Alexandria. Por ascese compreende-se o conjunto de exercícios espirituais, enquanto uma atividade interior do pensamento e da vontade, que o sujeito realiza buscando uma transformação do mundo e uma metamorfose do ser. O cristianismo ao lançar-se como filosofia (ou melhor, como a filosofia) herdou os exercícios espirituais da filosofia pagã, e, em certa medida ressignificou-os. Para Orígenes a ascese consiste em um caminho que se inicia na purificação a partir de esforços necessários para alcançar a perfeição cristã, mediante um constante progresso interior e exterior, sendo necessário ao homem terrestre ascender às realidades espirituais. Neste caso, o bem supremo consiste em recuperar a semelhança com Deus através das obras, tendo como ponto de partida o conhecimento de si, através de constante exame de consciência e de luta contra as paixões. A ascese em Orígenes desempenha um papel importante no aspecto da vigilância, do desapego de si, da morte contínua e diária. Veremos ainda que a ascese não é o fim último da vida cristã, mas uma mediação instrumental que culminará na união mística (erótica) com o próprio Deus.

**Palavras-chave:** Orígenes. Ascese. Purificação. Perfeição.



**Sobre as causas e o conhecimento na filosofia procleana.**

Suelen Pereira da Cunha

Doutoranda em filosofia pela Universidade Federal do Ceará.

Orientadores: José Gabriel Trindade dos Santos e Jan Gerard Joseph ter Reegen (Co-orientação).

**Resumo:** O problema do conhecimento é uma questão sempre presente na história da filosofia, dado que a compreensão a respeito do conhecer é basilar para atuação humana no mundo, uma vez que o conhecimento está diretamente ligado à noção de verdade e falsidade. Nesta via de entendimento, propomos uma análise entre as relações causais e o conhecimento na filosofia procleana. Para tanto, duas obras serão tomadas como referências básicas: *Elementos de Teologia* e *Comentário à República*. A análise parte da perspectiva neoplatônica de que o Uno é superior ao Ser e, portanto, está além da esfera inteligível, não podendo ser dito segundo as categorias do real. Sendo o Uno a causa primeira, ele é incognoscível, de maneira a colocar a possibilidade do conhecimento em xeque. Isso porque, para Proclo, conhecimento é conhecimento das causas. O sistema procleano tem como fundamento a relação entre unidade e multiplicidade, oriunda do movimento de processão. Desta feita, cada hipóstase tem seu modo próprio de apreensão da realidade, que está diretamente associada ao seu modo próprio de ser. Contudo, o Bizantino é categórico na afirmação da impossibilidade de um ser compreender plenamente aquilo que lhe é superior, isto é, as causas, sejam elas imediatas ou mais longínquas. Esta dificuldade, no entanto, parece começar a se dissipar quando se observa que a processão se dá por semelhança e que este movimento possui três momentos que, ainda que distintos, são indissociáveis, a saber: processão, permanência e conversão. Assim, a chave para a problemática do conhecimento na filosofia procleana se deixa vislumbrar na relação de permanência entre causa e causado. É justamente nesta relação e considerando o ser humano como um ser intermediário no sistema de processão que pode vir a ser encontrado a solução para a problemática da possibilidade do conhecimento.

**Palavras-chave:** Proclo, Conhecimento, Causa, Processão.

## **Unidade e “outridade”: a especificidade da ética de Plotino a partir de uma compreensão da unimultiplicidade da alma.**

Tadeu Júnior de Lima Nascimento

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Orientação: Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra

**Resumo:** Por sua natureza prática, a Ética é, dos ramos da filosofia, certamente o mais discutido inclusive fora do âmbito acadêmico. Dentre as teorias que têm papel basilar na reflexão acerca da moral estão as da filosofia greco-romana naquilo que é denominado período antigo, tais como as contribuições de Platão, Aristóteles, Epicuro, estóicos e outros. Por vezes parece haver, em algumas destas, uma simbiose entre a Ética e outro ramo filosófico, a Metafísica, que nem sempre é salientada por comentadores, quem sabe na intenção de evitar uma aproximação demasiada que prejudique a aplicabilidade “universal” caso o elemento suprassensível tenha destaque. Entretanto, a existência dessa simbiose é notável e talvez nenhum outro pensador de tal período desenvolvesse tanto essa ligação quanto o filósofo neoplatônico Plotino (204 ou 205 – 270 d.C.). O sistema plotiniano fundamenta-se em três hipóstases principais — Uno (hén), Intelecto (noûs) e Alma (psyché) — que por meio dos movimentos de processão (próodos) e retorno (epistrophé) definem todo o cosmo (tanto sensível como inteligível). O objetivo desta pesquisa de doutorado é demonstrar que apesar desse sistema ter como foco uma “vida verdadeira”, o “tornar-se deus” e até a união com o Uno, ou seja, ser um sistema profundamente voltado à contemplação, sua ética não é solipsista ao ponto de negligenciar o “outro”. Portanto, através da análise, problematização e interpretação de tratados de Plotino (reunidos na obra *Enéadas*) e de uma ampla bibliografia secundária, sustentaremos, do ponto de vista da filosofia moral, uma intrínseca concordância entre a teoria da unimultiplicidade da alma (de cunho metafísico) e a relação com o outrem (aqui chamada de outridade) para aquele tido como “virtuoso” (*spoudaios*) segundo a doutrina plotiniana. Ainda nesse sentido, considerando aquilo que foi preservado de sua biografia, exporemos o quanto a concepção ética de Plotino se traduzia em ações que, tal como esclarece a tese de Pierre Hadot, podem ser explicadas pelo vínculo entre uma filosofia e o modo de vida assumido por quem a propõe ou a segue.

**Palavras-chave:** Plotino, Outridade, Unimultiplicidade da Alma, Ética, Metafísica.



**A História Filosófica de Damáscio e o problema do paganismo tardio.**

Tomaz De Tassis

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PÓS-LIT) da UFMG, Literaturas Clássicas e Medievais.

Orientação do Prof. Dr. Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes.

**Resumo:** O presente trabalho pretende abordar a questão da decadência e resistência do paganismo greco-romano a partir da leitura da História Filosófica, de Damáscio, autor neoplatônico atuante entre os séculos V e VI. Minha abordagem tem por liame a disciplina história das religiões e visa a discussão dos conceitos de hibridismo cultural, sincretismo e decadência. Como último escolarca da escola platônica de Atenas, o último diádoco, Damáscio é uma figura central para a discussão do declínio, transformação e eventual fim do ecúmeno pagão no mediterrâneo oriental. A História Filosófica, também conhecida como Vida de Isidoro, narra os últimos séculos da comunidade filosófica pagã no mundo romano antes da proibição de 529, que levou não apenas Damáscio mas também outros filósofos pagãos, como Simplício e Prisciano, a um refúgio na corte do imperador sassânida Cosroes I. Além da discussão, apresentação e análise da obra, vou me debruçar sobre a importância de Damáscio e da História Filosófica como fontes para a história das religiões no fim da antiguidade, possibilitando uma compreensão mais coerente do mundo pagão dos séculos V e VI. Pretendo abordar brevemente as relações entre Damáscio e outros platonistas dos séculos V e VI, os já citados Simplício e Prisciano e também Olimpíodoro, no que concerne ao fenômeno religioso e às estratégias de alegorização e interpretação dos mitos das religiões mediterrâneas pré-cristãs em um contexto de hegemonia do cristianismo. Ao fim e ao cabo, proponho, com base na leitura da História Filosófica e de outras obras de Damáscio, tomadas aqui como último suspiro do mundo pagão, uma análise sobre o fenômeno do ecumenismo religioso e suas raízes históricas e sociais."

**Palavras-Chave:** Damáscio; História Filosófica; Sincretismo; Platonismo Tardio.

## **Considerações sobre a assimilação da etimologia eriugeniana do nome divino “Deus” (Theos) no opúsculo A procura de Deus de Nicolau de Cusa.**

William Davidans Sversutti

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná

Orientação: Prof. Dr. Lúcio Souza Lobo.

**Resumo:** A presente comunicação avalia alguns aspectos da assimilação da etimologia eriugeniana do nome divino “Deus” (*Theos*) no opúsculo *A procura de Deus* (1445) de Nicolau de Cusa. Na avaliação de Eriúgena, “Theos” é derivado tanto do verbo “theorô” (ver) como de “théo” (correr). Assumindo a simplicidade de Deus, Eriúgena concebe que esses dois significados, nele, não se opõem: seu “ver” é equivalente ao seu “correr”. Desse modo, articula sua etimologia com dois aspectos da divindade: o transcendente (*deus videns, theorón*) e o imanente (*deus currens, théon*), e também a concebe como “princípio, meio e fim de todas as coisas”. De acordo com o primeiro significado, Deus seria, em primeiro lugar, “princípio” que, ao “ver-se” a si mesmo, de uma só vez, gera o Verbo divino *ad intra* e cria o mundo *ad extra* como teofania e, em segundo lugar, o “fim” que move todas as coisas em direção a si mesmo. No segundo sentido - o de “pervadir dinamicamente todas as coisas” -, Deus é entendido como “meio”, ou o fundamento “conservador”, imanente em todas as coisas. Em *A procura de Deus*, Cusa apresenta uma teoria do conhecimento inspirada por esse duplo significado, tomando como “enigma” de seu discurso o “Deus desconhecido” evocado por Paulo no Areópago. Em sua primeira parte, enfatiza aquele seu aspecto transcendente, caracterizando Deus como o “intuidor” de todas as intuições, situado “acima do intelecto”, do mesmo modo que o sentido da “visão” situa-se “acima” das coisas sensíveis, a razão dos sentidos e o intelecto da razão. Dada a transcendência divina em relação a todos os modos de conhecimento, a “procura de Deus” se tornaria vã, caso fosse impossível sua intuição mediante as coisas criadas. Nesse sentido, Cusa avalia, na segunda parte do opúsculo, sua paradoxal imanência no mundo, através da “metáfora do arco-íris”, na qual a “luz infinita” é todas as coisas e, ao mesmo tempo, nenhuma delas, assim como a luz material, em relação ao arco-íris. Como conclusão, apresentamos a hipótese de que a assimilação da etimologia eriugeniana por parte de Cusa parece responder à principal acusação de heresia feita por Johannes Wenck de Herrenberg: a de que o pronome “Deus” o singulariza e o exclui todas as criaturas. Cusa parece se utilizar daquela etimologia para defender tanto suas doutrinas como aquelas da tradição “neoplatônica-cristã” que entendem a transcendência e a imanência divina como uma interpretação válida das Escrituras, ao contrário daquilo que seu detrator afirmava.

**Palavras-Chave:** Deus, Nicolau de Cusa, Neoplatonismo, Eriúgena.



**REALIZAÇÃO:**

GT/NEOPLATONISMO/ANPOF

SOCIEDADE IBERO AMERICANA DE ESTUDOS NEOPLATÔNICOS (SIAEN)

**APOIO:**

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA/UFS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA/UFS

**Canal GT/Neoplatonismo:** <https://www.youtube.com/c/GtNeoplatonismoANPOF>

**GT NEOPLATONISMO/ANPOF**

Coordenação: Prof. Dr. Cicero Cunha Bezerra (Universidade Federal de Sergipe)

**NÚCLEO DE SUSTENTAÇÃO**

Oscar Federico Bauchwitz - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Edrisi de Araújo Fernandes - Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Universidade de  
Brasília

Marcus Reis Pinheiro - Universidade Federal Fluminense

Monalisa Carrilho de Macedo - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Noeli Dutra Rossatto - Universidade Federal de Santa Maria

Celso Martins Azar Filho - Universidade Federal Fluminense

João Eduardo Pinto Basto Lupi - Universidade Federal de Santa Catarina

Sérgio Eduardo Lima da Silva - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Jorge Augusto da Silva Santos - Universidade Federal do Espírito Santo

**OUTROS INTEGRANTES**

Claudia D'Amico - Universidad de Buernos Aires

José Maria Zamora Calvo - Universidad Autonoma de Madrid

Maria Simone Marinho Nogueira - Universidade Estadual da Paraíba

Marcos Roberto Nunes Costa - Universidade Federal de Pernambuco

Nilo César Batista da Silva - Universidade Federal de Sergipe